
A transformação de produtos piscícolas durante a Época Romana em *Olisipo*: o núcleo da Rua dos Bacalhoeiros (Lisboa)

LÍDIA FERNANDES*
ANTÓNIO MARQUES**
VICTOR FILIPE***
MARCO CALADO****

R E S U M O

Apresentam-se alguns dos resultados da intervenção arqueológica realizada em 2005/2006 pelo Serviço de Arqueologia do Museu da Cidade (Câmara Municipal de Lisboa) na Rua dos Bacalhoeiros, localizada na zona ribeirinha de Lisboa. O estabelecimento urbano intenso e contínuo que este local sofreu ao longo dos tempos ficou bem documentado nesta intervenção arqueológica, tendo sido reconhecidos sucessivos níveis ocupacionais. Focam-se, com especial destaque, os vestígios relacionados com o período romano, sem esquecer a ocorrência de contextos relacionados com a presença islâmica e com as antigas padarias e *carneçarias* da cidade de Lisboa respectivamente, dos séculos XIII e XIV/XV. As estruturas romanas identificadas permitem a definição de uma unidade fabril de transformação de pescado, reforçando a ideia da vocação industrial desta zona da antiga cidade de *Olisipo*. Apresentam-se, igualmente, alguns dos materiais mais relevantes associados aos contextos da Época Romana.

A B S T R A C T

Some conclusions of the archaeological work undertaken by the City Museum's Archaeological Service in 2005/2006 at Rua dos Bacalhoeiros are presented, located at Lisbon's riparian frontline. The intense and continuous urban occupation of the place was well documented by this archaeological operation, with the identification of successive occupational levels. A special focus is given to the evidences connected with the Roman period, safeguarding also the occurrence of Islamic contexts and others connected with the old city bakeries and the old *carneçarias* (shambles), respectively from the 13th and the 14/15th centuries. The exhumed Roman structures allow the identification of a manufacturing complex for the processing and conservation of fish, reinforcing the industrial vocation of this area of *Olisipo* city. Simultaneously some of the most relevant Roman artifacts are presented.

Introdução¹

Entre Outubro de 2005 e Fevereiro de 2006, procedeu-se à intervenção arqueológica no n.º 32 A/B/C/D da Rua dos Bacalhoeiros e nos n.ºs 1-9 da Rua da Padaria, freguesia da Madalena, na sequência de um pedido feito pela Unidade de Projecto Baixa/Chiado ao Serviço de Arqueologia do Museu da Cidade da Câmara Municipal de Lisboa, tendo como objectivo a reabilitação do referido edifício (Estampa I/Des. 1).

A obra em causa inseriu-se no empreendimento de requalificação da Rua da Madalena, levado a efeito pela Câmara Municipal de Lisboa, que teve início em 2004, traduzindo-se na reabilitação dos imóveis daquela artéria e vias envolventes. No caso vertente, pretendia-se proceder à avaliação do estado de conservação das fundações e posterior consolidação das mesmas, situação que implicaria revolvimentos pontuais no subsolo, assim como a abertura de valas de diagnóstico para avaliação dos alicerces.

O aparecimento de contextos ocupacionais distintos, praticamente desde o início da intervenção arqueológica, levou a uma escavação em área, abrangendo a quase totalidade do espaço. A excepção foi uma faixa localizada a meio do edifício, com orientação E/W, onde se encontravam duas paredes estruturais, entre as quais se implantava a escada interior que unia os vários andares.

Contextualização geomorfológica

Geomorfologicamente, a área em estudo encontra-se no sopé da colina do Castelo, na interface entre os aluviões das praias fluviais da embocadura do Tejo e a formação miocénica das argilas do Forno do Tijolo, que caracteriza o substrato geológico da vertente SW desta encosta. Apresenta, por conseguinte, solos instáveis e expostos aos efeitos de assoreamento erosivos do rio.

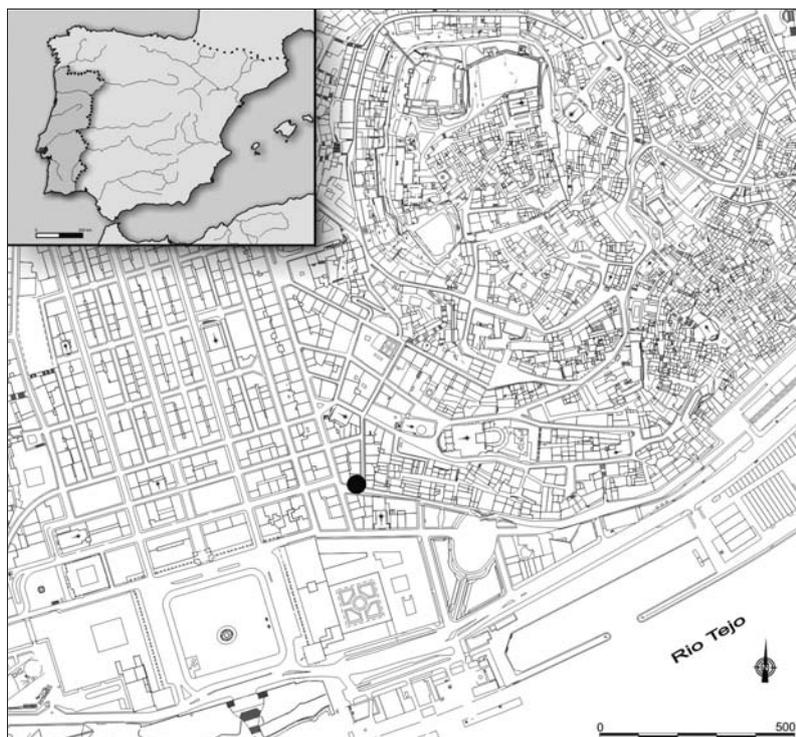


Fig. 1 Planta de localização da intervenção.

Não poderemos deixar de sublinhar o facto de o nível freático se encontrar, como seria de esperar, a uma cota elevada, o que dificultou, em grande medida, uma melhor interpretação dos vestígios exumados e, sobretudo, dos estratos antrópicos intervencionados.

Contextualização histórica

O edifício em referência implanta-se numa área de grande sensibilidade do ponto de vista patrimonial e arqueológico, considerando a proximidade de locais onde foram registadas estruturas arqueológicas importantes, nomeadamente a designada Cerca Velha (também denominada Cerca Moura), na Rua da Padaria, os vestígios arqueológicos colocados a descoberto na Casa dos Bicos, o possível cais romano detectado na actual Rua das Canastras, para além de múltiplos elementos arquitectónicos que a seguir mencionaremos.

Seguindo a reconstituição de A. Vieira da Silva, a Cerca Velha apresentaria sensivelmente o mesmo percurso da actual Rua da Padaria (Silva, 1987, p. 93), inflectindo o traçado para nascente na actual esquina com a Rua dos Bacalhoeiros, local onde foi posteriormente edificada a ermida de S. Sebastião, já no século XV. Desse ponto para leste, o traçado da muralha é comprovado pelo troço colocado a descoberto, e actualmente visitável, na Casa dos Bicos, assim como pelos vestígios entretanto escavados no Edifício Sommer, intervencionado recentemente pelo IPPAR (Gaspar & Gomes, 2007).

No que diz respeito ao património arqueológico será incontornável a referência aos restantes vestígios exumados na Casa dos Bicos, em especial as evidências da Época Romana, descobertas durante a intervenção arqueológica levada a cabo no local entre 1981 e 1982. Destaca-se, neste contexto, um conjunto de tanques de salga de peixe e múltiplos elementos arquitectónicos (Amaro, 1982, pp. 96–111; Amaro & Duarte, 1986, pp. 143–154; Fernandes, 1999, pp. 113–135).

Não podemos, de igual modo, deixar de mencionar o possível cais romano detectado, em 1922, em local bem próximo, concretamente na actual Rua das Canastras (Silva, 1939, p. 119), bem como uma inscrição dedicada aos Deuses Manes e um capitel coríntio, que poderá corresponder ao que se encontra depositado no Museu Arqueológico do Carmo (Silva, 1939, p. 117–118; Fernandes, 1997, vols. II e III peça n.º 83), datável dos finais do século III. Precisamente da Rua dos Bacalhoeiros (n.ºs 88–94) é proveniente outro capitel, enquadrável na ordem jónica, e atribuível, de igual modo, ao século III/IV (Silva, 1939, pp. 118–119; Fernandes, 1997, vols. II e III, peça n.º 53; Fernandes 1998 pp. 229–233). Também da Rua da Padaria provêm outros dois capitéis, coríntios, de belíssima qualidade, encontrados na década de 1960 durante trabalhos de remodelação de um dos edifícios daquela artéria (Fernandes, 1997, vol. II, pp. 257–272 e vol. III, peças n.ºs 78 e 79; Fernandes, 2002, pp. 237–256) e com cronologias que apontam para a segunda centúria.

Estas informações relativas à Época Romana são as únicas de que dispomos até ao momento para este preciso local, as quais, muito embora não esclareçam cabalmente o tipo de ocupação, levam-nos a concluir pelo seu intenso aproveitamento.

Ainda que não tenha sido realizada uma pesquisa exaustiva da bibliografia e da documentação relativa a este local, é evidente a menção a alguns aspectos importantes relativos à ocupação humana e urbana deste local, designadamente para os Períodos Medieval e Moderno.

Não obstante o pouco que se conhece acerca do Período Islâmico nesta área, ressalta desde logo a proximidade com a denominada Cerca Moura, ou Cerca Velha, já referida (Silva, 1987, pp. 166–167), que deixaria o espaço agora em questão extra muros. A posterior construção das muralhas medievais sob o reinado de D. Dinis e de D. Fernando integrou-a definitivamente no seu

interior e, conseqüentemente, na malha urbana da cidade. Assumindo-se por base o estudo efectuado por este autor (no qual se fundamentam os demais investigadores consultados), neste local estiveram instaladas, durante o século XIII, e até cerca de 1375, as denominadas “Fangas da Farinha” ou celeiros reais. Nessa altura, são aí instaladas as “carneçarias” ou “açougues de carne da cidade”, que, primitivamente, estariam instalados no tardo das primeiras, e que terão então sido ampliados pela desactivação dos referidos celeiros.

As ditas fangas voltam a ser referenciadas em 1387, num “chão” doado por D. João I ao município de Lisboa, sensivelmente no mesmo local onde, posteriormente, em 1471, foi edificada a Ermida de S. Sebastião da Padaria, ou seja, na esquina oposta a este gaveto (lado poente da actual Rua da Padaria). Curiosamente, é também entre 1369 e 1440 que surge a designação de Rua da Padaria, por substituição do antigo topónimo de Rua das Hastes ou dos Hasteeiros (Silva, 1987, pp. 166, 170).

Tudo indica que a desactivação das “carneçarias” terá ocorrido durante o reinado de D. Manuel, com a construção de um novo açougue no Terreiro do Paço, encostado à muralha da cidade, junto ao denominado Arco do Açougue (Silva, 1987, p. 177). Com efeito, no século XVI e até 1755, na Rua da Padaria, encontravam-se estabelecidos os sapateiros de “calçado fino” (Silva, 1987, p. 171).

No *Livro do lançamento...* de 1565 (Vol. 1, pp. 119–126), esta artéria surge como um pólo comercial e manufactureiro bastante activo, registando-se a presença de 10 chapineiros, 4 barbeiros, 1 boticário e 51 sapateiros, salientando-se a presença de Antonio Rodriguez “çapateiro da ifanta Dona Maria” (*ibidem* p. 123). Por conseguinte, conclui-se que todo o antigo edificado relacionado com as antigas “carneçarias” se encontrava completamente alterado e compartimentado pelos diferentes artífices que constam daquele documento. Aliás, de acordo com a leitura de Vieira da Silva, a localização dos açougues neste espaço já é referenciada como sendo uma memória em 1502 – “... rua dante os açougues, que vem da padaria para a porta da portagem...” (ANTT Leitura Nova *Extremadura* livro 1 fl. 74-v, *apud* Silva, 1987, p. 173, n. 4).

Em finais do século XVI, no *Livro primeiro do tombo das propriedades foreiras à camara...* (1950, pp. 53–54), compilado a partir do reinado de D. João III (1543), com acrescentos pertencentes à centúria seguinte, a propósito de “casas na dita rua da Padaria, da outra banda das Carneçarias velhas”, ao citar-se uma escritura de aforamento de 1556, é-nos feita a seguinte descrição do imóvel localizado neste espaço: “Tem a cidade humas casas na Rua da Padaria defronte da ermida de São Sebastião as quaes tem duas logeas, conven a saber huma soterrada e outra por sima della, e hum sobrado por sima das ditas logeas com seus repartimentos as quaes casas forão emcabeçadas pella cidade em Duarte d[e] Abreu scrivão da Casa da India...”.

Mais tarde, no Tombo efectuado em 1755, logo após o terramoto, são registados os diferentes proprietários dos edifícios existentes, constatando-se que, na área intervencionada, se encontravam as “Casas do Visconde de Mesquitela (...). Tem de frente para o Largo da Portagem 25p., e faziam tambem frente e lado para a Padaria pela parte nascente com o seu fundo que era 40p.” (fl. 221).

Com a reconstrução da cidade, este espaço vai marcar a fronteira entre a denominada Baixa Pombalina e Alfama, mantendo-se sensivelmente a mesma configuração da malha urbana anterior, ainda que o actual casario tenha sido então reedificado. A intervenção arqueológica realizada permitiu, por conseguinte, confirmar a localização de algumas funcionalidades acima descritas, completando os dados documentais.

No que respeita às épocas mais remotas da presença humana nesta área da embocadura do Tejo, desconhecem-se quaisquer testemunhos, sendo apenas a partir da Idade do Ferro que se registam alguns dados. As recentes intervenções arqueológicas realizadas na R. de S. Mamede ao Caldas n.º 15², no Palácio Marquês de Angeja³, na Rua de São João da Praça⁴, tal como no teatro romano de Lisboa⁵ (Fernandes, 2006, pp. 181–204) (apenas mencionando algumas), têm demonstrado uma

ocupação efectiva desta encosta, provavelmente desde o Castelo de S. Jorge até às margens do rio, designadamente na zona de Alfama.

Intervenção arqueológica

Metodologia

A intervenção arqueológica que agora se apresenta abrangeu a quase totalidade do espaço (160 m²), articulando-se metodologicamente por três sectores, os quais, por sua vez, se subdividiram em sondagens de distintas dimensões, obtendo-se, deste modo, um total de onze sondagens. Procedeu-se à identificação e registo das diferentes camadas estratigráficas existentes, considerando-se os diversos contextos em presença. A definição dos sectores partiu da divisão interna do actual edifício, denominando-se como Sector 1 o que ocupa toda a parte norte do imóvel, e o Sector 2 e 3, localizados respectivamente na zona SE e SW – separados do anterior por uma parede estrutural, de orientação E/W, e que funcionava, de igual modo, como parede de lançamento da escada interna deste edifício.

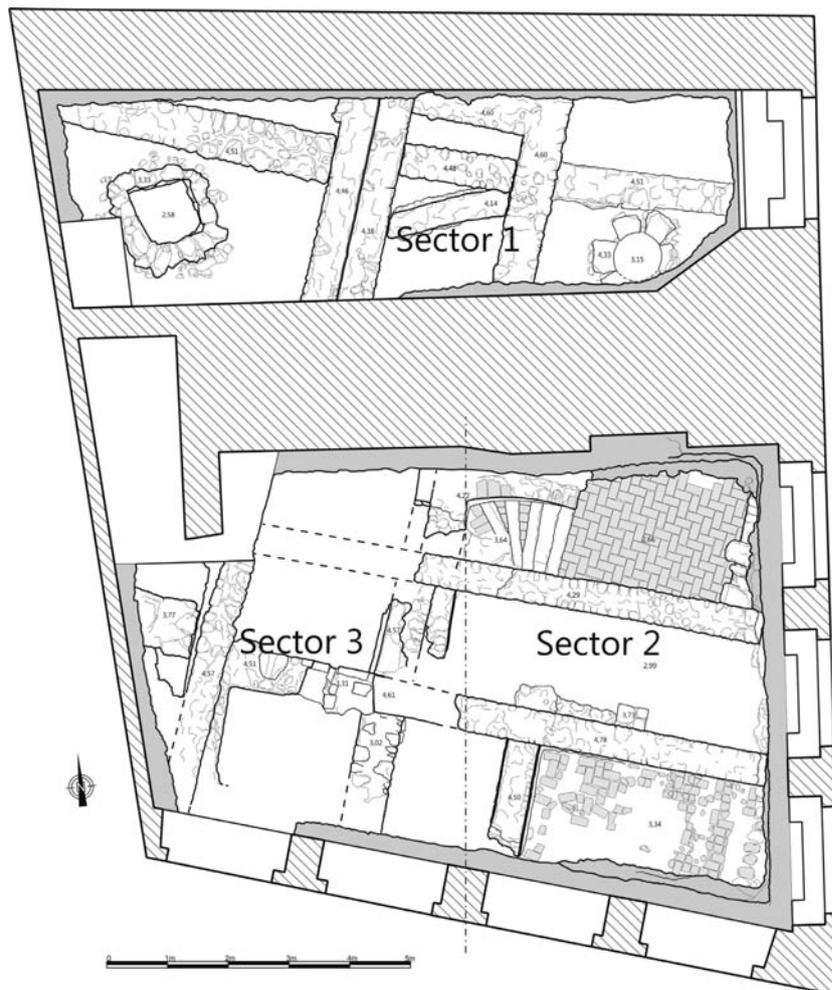


Fig. 2 Planta geral com as estruturas da Época Moderna, com a localização dos vários sectores.

Os trabalhos realizados possibilitaram a exumação de variadas estruturas, entre as quais se destacam as relacionadas com as antigas fangas da farinha e com as carniçarias da cidade de Lisboa — construção medieval que sofreu profundas e constantes modificações ao longo das Épocas Medieval e Moderna, tal como nos foi permitido constatar arqueologicamente. Aos finais do século XV e inícios da seguinte centúria correspondem vários entaipamentos de portas e janelas, indicando uma progressiva compartimentação e alteração do espaço edificado, o que poderá apontar para uma gradual desafecção pública do mesmo, relacionada com a instalação de lojas e pequenas manufacturas, tal como já aludimos.

Paradigmático, quanto a este aspecto, parece-nos ser o abandono de uma escada em caracol — a qual estabeleceria a ligação entre a cave, que corresponde à “logea de baxo que vay por baxo do chão e sobre ella no andar da rua tem huma logea” (*Livro primeiro do tomo das propriedades...*, pp. 53–54), ou seja o piso térreo (Sector 2/Vala 3- Área 1), que foi, ainda no século XVII, abandonada e entaipada, certamente devido à constante alteração dos níveis do rio que submergiriam recorrentemente esta dependência. Constatou-se igualmente que este compartimento foi entulhado na sequência do grande incêndio que assolou a cidade de Lisboa com o terramoto de 1755, registando-se grande ocorrência de madeiras queimadas, depositadas directamente por cima de um pavimento em tijoleira, sob as quais se exumou um conjunto significativo de faianças e cerâmica comum, coevo do século XVII e da 1.^a metade do XVIII.

Subjacente aos níveis medievais cristãos e modernos que acabámos de referir, destaca-se o achado de duas estruturas em pedra com ligante em argila, localizadas na área SW do actual edifício (Sector 3/Vala 1), ambas com uma orientação SW/NE, de difícil interpretação.



Fig. 3 Detalhe sobre as estruturas medievais islâmicas exumadas no Sector 3.

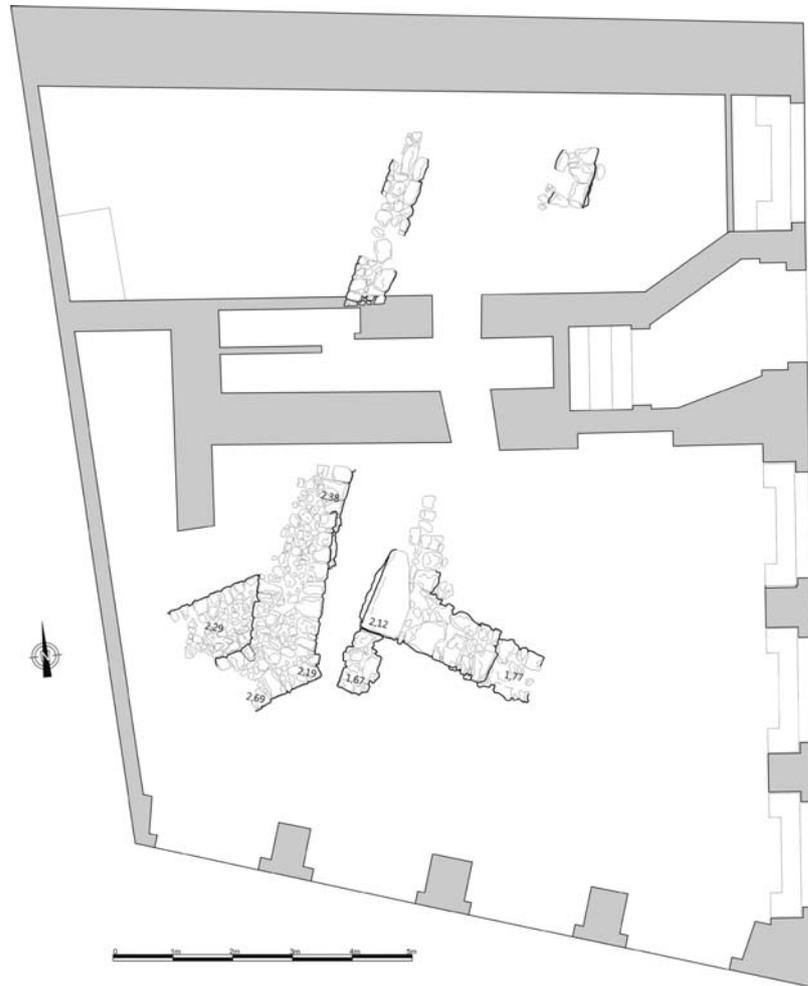


Fig. 4 Planta com a implantação das estruturas de época medieval islâmica.

A primeira, ocupando toda a área NW do Sector 3, encontra-se parcialmente sob o alicerce oeste do actual edifício, prolongando-se igualmente sob o alicerce norte, depois de uma inflexão de ângulo. Com uma largura superior a oeste, apresenta, no seu troço norte, uma largura aproximada de 0,80 m tendo sido registada numa extensão máxima de cerca de 4,50 m. A área interna desta estrutura, ou seja, o canto correspondente ao ângulo que a mesma descreve, encontra-se reforçada por pedras. O facto de este muro se desenvolver por baixo do edifício contíguo impossibilita uma leitura adequada da sua planta original, inviabilizando uma contextualização funcional da mesma.

A segunda estrutura (a leste da anterior) reaproveita um silhar em calcarenito, com uma das faces almofadada, desenvolvendo-se para nascente até um outro muro perpendicular, da Época Romana, formando uma área sensivelmente rectangular.

Alguns materiais associados, sobretudo atafiores carenados com decoração a vidro melado, painéis de bordo subtriangular, cerâmica pintada a branco e também jarritas de pintura a almagre, apontam-nos para uma cronologia entre finais do século XI e a primeira metade do século XII. A ocupação medieval islâmica, parece ter sido intensa na parte sul do actual edifício (Sector 2/Vala 3 e 4 e Sector 3/Vala 1 e 2), tendo sido responsável pela destruição de estruturas da Época Romana.

Ocupação romana

No que respeita ao Período Romano, destacam-se quatro tanques de salga de peixe, dois deles em conexão (Vala 2 e 4 do Sector 1) com uma orientação SW/NE. Estas duas estruturas, implantadas no canto NW do actual edifício, encontram-se cortadas pelas fundações modernas. Com efeito, os alicerces norte (Estampa IV / Corte 1) e oeste do actual edifício, cortaram os dois tanques, os quais conservam uma altura máxima de 1,60 m, apresentando as paredes internas revestidas a *opus signinum* com uma espessura de 3 cm. Somente foi possível visualizar, na sua totalidade, uma das paredes do tanque sul, que apresentava 2,65 m de comprimento interno (sentido SE/NW), não conservando o respectivo pavimento, uma vez que no seu interior foi posteriormente instalado um poço.

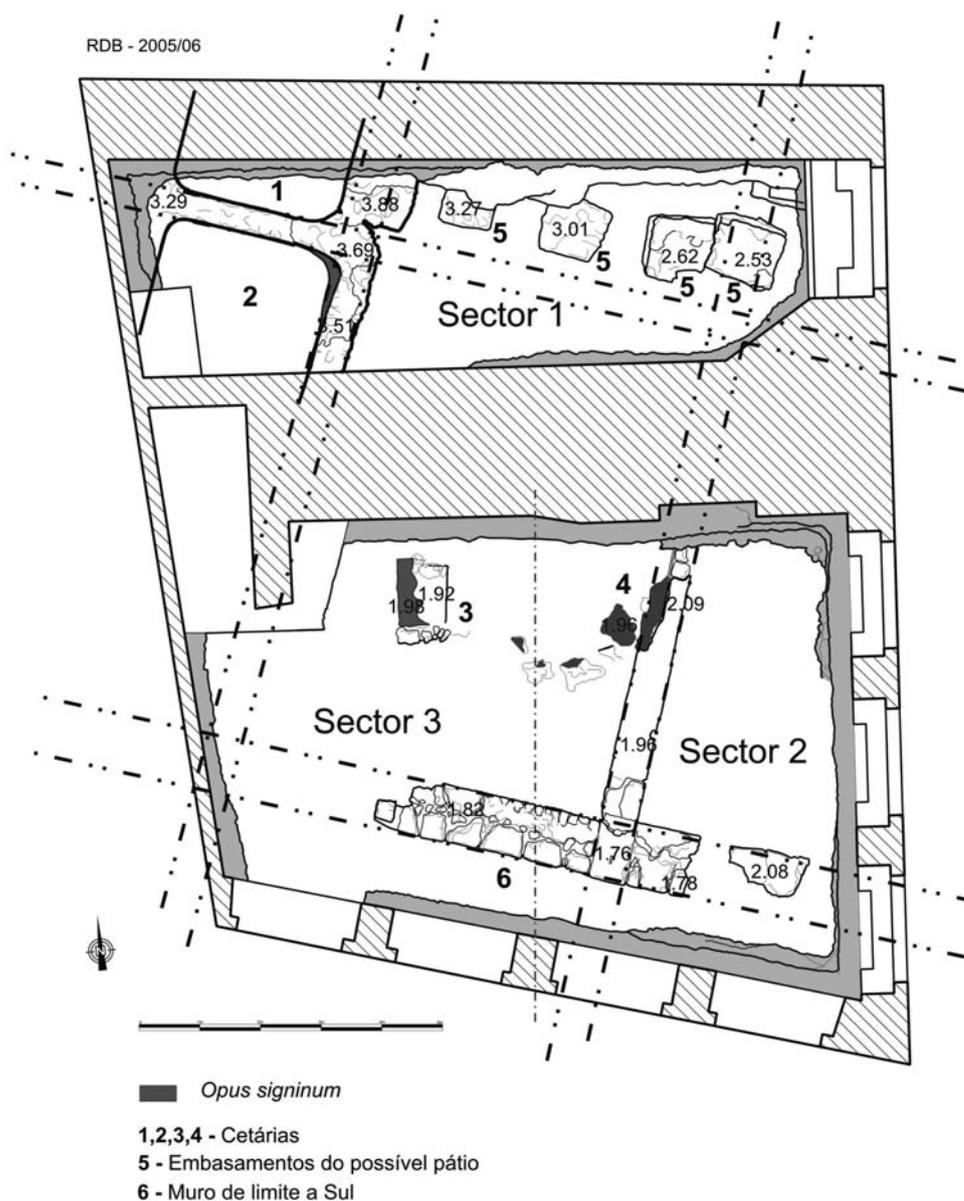


Fig. 5 Planta com a implantação das estruturas de época romana e com a planificação (hipotética) do núcleo fabril a tracejado; observe-se no sectores 2 e 3 a localização dos vestígios do *opus* de revestimento das duas cetárias exumadas, com uma tonalidade mais escura.



Fig. 6 Cetária no canto NW do actual edifício (Sector 1 / Vala 2). Note-se o poço de Época Moderna, construído no interior do tanque, assim como o seu revestimento em *opus signinum*, ainda em relativo bom estado de conservação.

Esta estrutura hidráulica, de morfologia circular e realizada com pedra vã de grande calibre, foi edificada no século XVI e abandonada dois séculos mais tarde, o que nos é documentado pelos materiais que o entulhavam, atribuíveis ao terramoto de 1755. Este reaproveitamento do espaço não será caso isolado em Lisboa, documentando uma ocupação sucessiva e constante dos locais, ainda que com distintas funcionalidades. Casos similares podem-se observar, e apenas como exemplo, em alguns dos tanques do Núcleo Arqueológico do BCP (Bugalhão, 2001).

As paredes nascentes destas duas cetárias parecem constituir o limite desta unidade. Com efeito, do lado leste desta parede, não apresentando qualquer tipo de acabamento, adossavam múltiplos estratos, similares entre si, compostos por argilas, sedimentos e areias, correspondendo na sua globalidade, a enchimentos sucessivos de deposição levada a cabo num período relativamente curto (Fig. 3). Na parte norte desta área, apresentando um alinhamento de orientação NW/SE, perpendicular aos tanques acima descritos, exumaram-se quatro embasamentos de secção quadrangular que correspondem, em nossa opinião, ao suporte do pátio organizativo desta unidade de transformação que adiante observaremos de forma mais detalhada.

Nos sectores 2 e 3, localizados a sul do Sector 1, foram detectados outros dois tanques, ainda que apenas subsistissem a nível residual. Com efeito, o tanque situado mais a oeste (Sector 3) foi profundamente alterado em época islâmica ou cristã, altura em que lhe é adossado um novo muro em pedra vã, atestando a sua manutenção até épocas mais tardias. O facto de esta estrutura ter sido, de igual modo, cortada pelos alicerces do edifício actual impede a obtenção das respectivas dimensões originais.

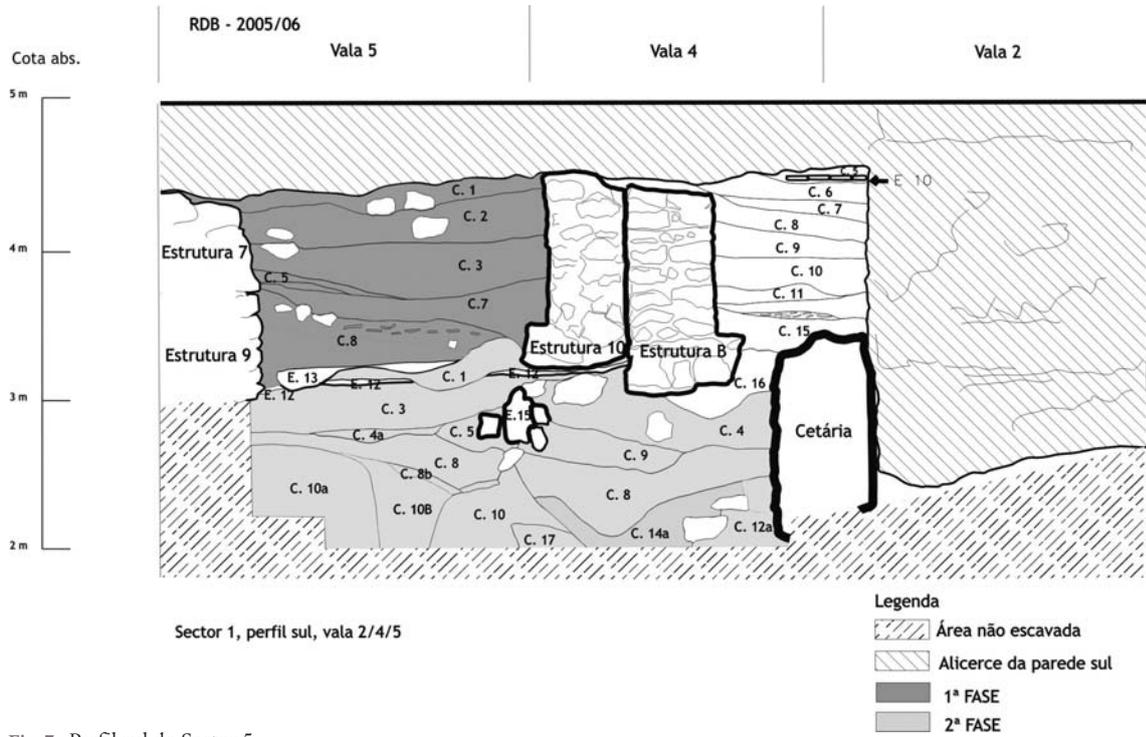


Fig. 7 Perfil sul do Sector 5.

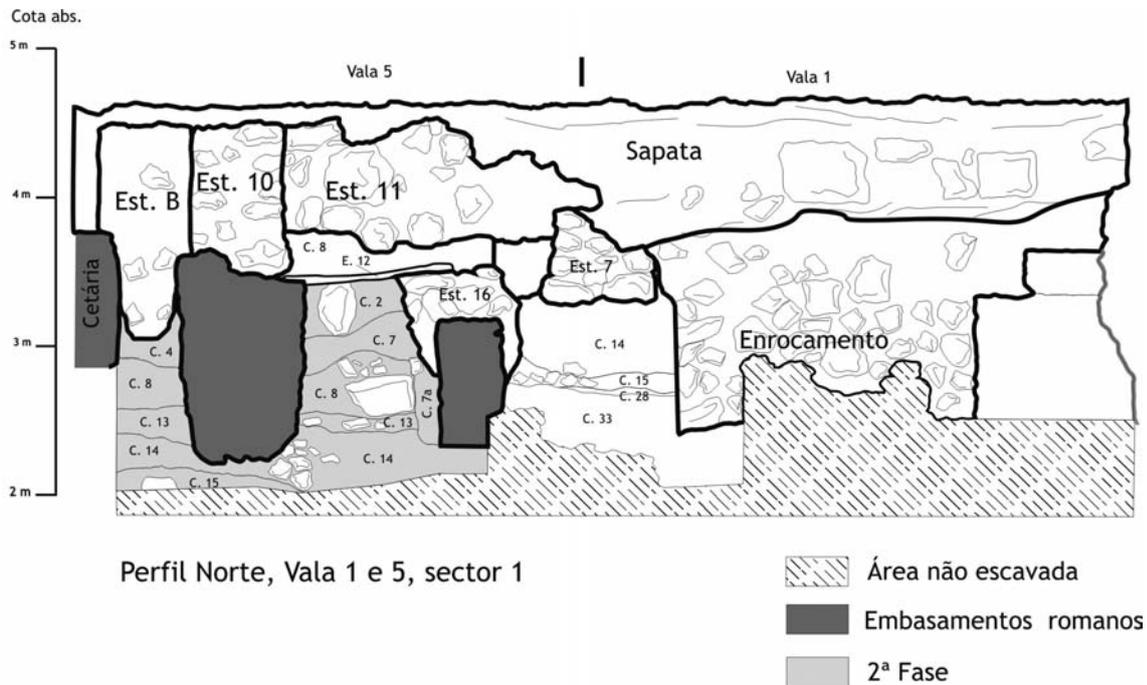


Fig. 8 Perfil norte do Sector 5.

Do tanque exumado a leste (Sector 2) apenas nos foi dado observar parte do seu pavimento em *opus signinum*, pertencente ao revestimento interno. No entanto, o facto desta cetária se encontrar apoiada no seu lado nascente, numa outra estrutura (com uma extensão máxima de 5,50 m e 60 cm de largura, e uma orientação idêntica à das paredes das cetárias do Sector 1), leva a concluir que se

trata de mais um tanque, sendo que o muro de orientação NW/SE poderá corresponder ao limite Este desta cetária.

Por último, gostaríamos de salientar o aparecimento de uma outra construção deste complexo que o fecha pelo seu lado sul. Trata-se de um muro, detectado num comprimento máximo de 5 m, apresentando uma largura que varia entre os 90 cm e 1 m, sendo a sua orientação E/W, ou seja, perpendicular à implantação das cetárias e à estrutura acima referida.



Fig. 9 Muro romano com orientação E/W (Sector 2) que delimita a Sul este complexo fabril, sendo paralelo à actual fachada da Rua dos Bacalhoeiros.

Apesar das dificuldades inerentes a uma interpretação deste conjunto, devido aos condicionamentos da intervenção em causa — cotas que atingem o nível freático e a reduzida área disponível — pensamos que esta última construção corresponderá ao limite sul deste núcleo de cetárias, implantação que segue de perto o alinhamento das actuais fachadas dos edifícios da Rua dos Bacalhoeiros demonstrando, mais uma vez, as continuidades da malha urbanística da cidade. Com efeito, este muro rectilíneo apenas se afasta da actual fachada cerca de 1 m, encontrando-se destruído, a leste e a oeste, por edificações posteriores, concretamente, dois pilaretes subquadrangulares de época medieval ou posterior. A estrutura romana prolongar-se-ia originalmente em ambos os sentidos, devendo pois delimitar o conjunto de cetárias que se encontram a norte. De assinalar que algumas das pedras desta estrutura ainda se apresentam unidas por chumbadores em bronze e ferro, ou possuem os negativos da sua colocação, o que indica, à partida, uma preocupação no reforço estrutural desta edificação, certamente devido à proximidade do areal da praia e à instabilidade do subsolo.



Fig. 10 Exterior da parede leste da cetária situada no canto NW do edifício, a partir da qual se definiria o possível pátio interior.



Tendo presentes as dificuldades na obtenção de estratigrafias seguras, sobretudo devido aos constantes remeximentos a que o subsolo foi sendo sujeito, quer pela acção construtiva do homem, quer pela própria dinâmica do fluxo e refluxo dos níveis freáticos, dificultando a integração contextual e cronológica dos materiais exumados, pensamos, todavia, ser possível estabelecer algumas coordenadas temporais.

Deste modo, em nosso entender, este núcleo de transformação de pescado terá sido edificado nos meados do século I (Cláudio/Nero), muito possivelmente ainda durante o segundo quartel desta centúria, tendo sido abandonada no século IV. Os sucessivos arranjos e altera-

Fig. 11 Embasamentos de época romana que fariam a sustentação e consolidação do pátio interno deste núcleo de cetárias.

ções que esta fábrica de transformação piscícola sofreu entretanto, intimamente relacionados com condicionalismos geo-topográficos da respectiva implantação, dificultam uma visualização cronológica precisa. Com efeito, os assoreamentos a que este local esteve sujeito, com constantes movimentos de transgressão e regressão do leito do rio, foram os responsáveis por uma vivência estrutural acidentada que exigiria constantes cuidados no edificado.

Precisando as aporções cronológicas acima referidas, algumas camadas estratigráficas oferecem dados relativamente seguros para a compreensão diacrónica deste espaço construtivo. Destacamos, no que respeita ao Sector 1, que abrange toda a área norte do edifício, alguns contextos da Vala 5, que se relacionam com os momentos de abandono desta fábrica de transformação piscícola. Não obstante a detecção de materiais de cronologia mais tardia, concretamente do século IV, com fragmentos de *sigillata* Clara D, foram recolhidos inúmeros fragmentos de cronologia anterior, concretamente do século I, o que comprova o revolvimento integral dos estratos e a importância de uma ocupação mais antiga a qual, em termos dedutivos, se pode atribuir ao início de laboração do complexo fabril. Temos, deste modo, da camada 8 (Fig. 12):

- bordo com asa de panela que se apresenta a título ilustrativo (n.º inv. 1129);
- conjunto anfórico composto pelas primeiras produções lusitanas (segunda metade do século I a.C./primeira metade do século I d.C.) e por ânforas de tipo Haltern 70 produzidas no vale do Guadalquivir (Filipe, 2008);
- asa de ânfora (n.º inv. 107), possivelmente do tipo Beltrán 2 ou Dressel 7-11 – finais do século I a.C. a meados do século II – correspondendo a uma produção da Bética costeira, com marca de oleiro, infelizmente sem paralelo, cuja única letra segura é um B mas com outra(s) letra(s) em nexos⁶;
- uma marca de oleiro em terra *sigillata* itálica (n.º inv. 52), cujo centro produtor não foi possível definir. Provavelmente trata-se do oleiro PVPIVS, ainda que o facto de o punção não estar bem definido num dos remates laterais impossibilite uma leitura segura;
- destacam-se ainda inúmeros fragmentos de paredes finas com decoração granitada com cronologia da 1.ª metade do século I d.C.

Do estrato 10 (Fig. 13), salientam-se:

- uma taça, da qual se recolheram dois fragmentos (n.ºs inv. 136 e 225) que provêm de estratos distintos dentro da Vala 5 (Sector 1 – 2.ª fase), concretamente o 10 e o 16 comprovando, deste modo, a sua contemporaneidade. De realçar que estes estratos se localizam, em termos altimétricos, a um nível inferior dos alicerces das cetárias colocadas a descoberto neste sector. Trata-se de uma taça em TSI, forma Consp. 22.1.3 ou 22.2, decorada a *guilloché*, com uma cronologia situada entre 20 a.C. e Tibério;
- com idêntica forma, decoração e cronologia provém um outro exemplar (n.º inv. 140) enquadrável na forma Consp. 22.1.3 ou Goudineau 27;
- a meados do principado de Augusto pode-se atribuir uma taça (n.º inv. 144), enquadrável na forma Consp. 11 (ou Goudineau 15);
- também de produção itálica é um prato (n.º inv. 138 e 143) que se inclui na forma Consp. 22 com uma cronologia enquadrável entre a mudança de era e o reinado de Tibério;
- outra taça (n.º inv. 148) é de produção galo-romana e corresponde à forma Drag. 18 (15-60 d.C.);
- da mesma origem se pode apresentar o exemplar n.º inv. 122, correspondente à forma Drag. 27 com uma cronologia geral situada entre 10 e 120 d.C., ainda que, possivelmente, se possa atribuir ao período flaviano, dada a ranhura profunda que apresenta na face exterior do pé;

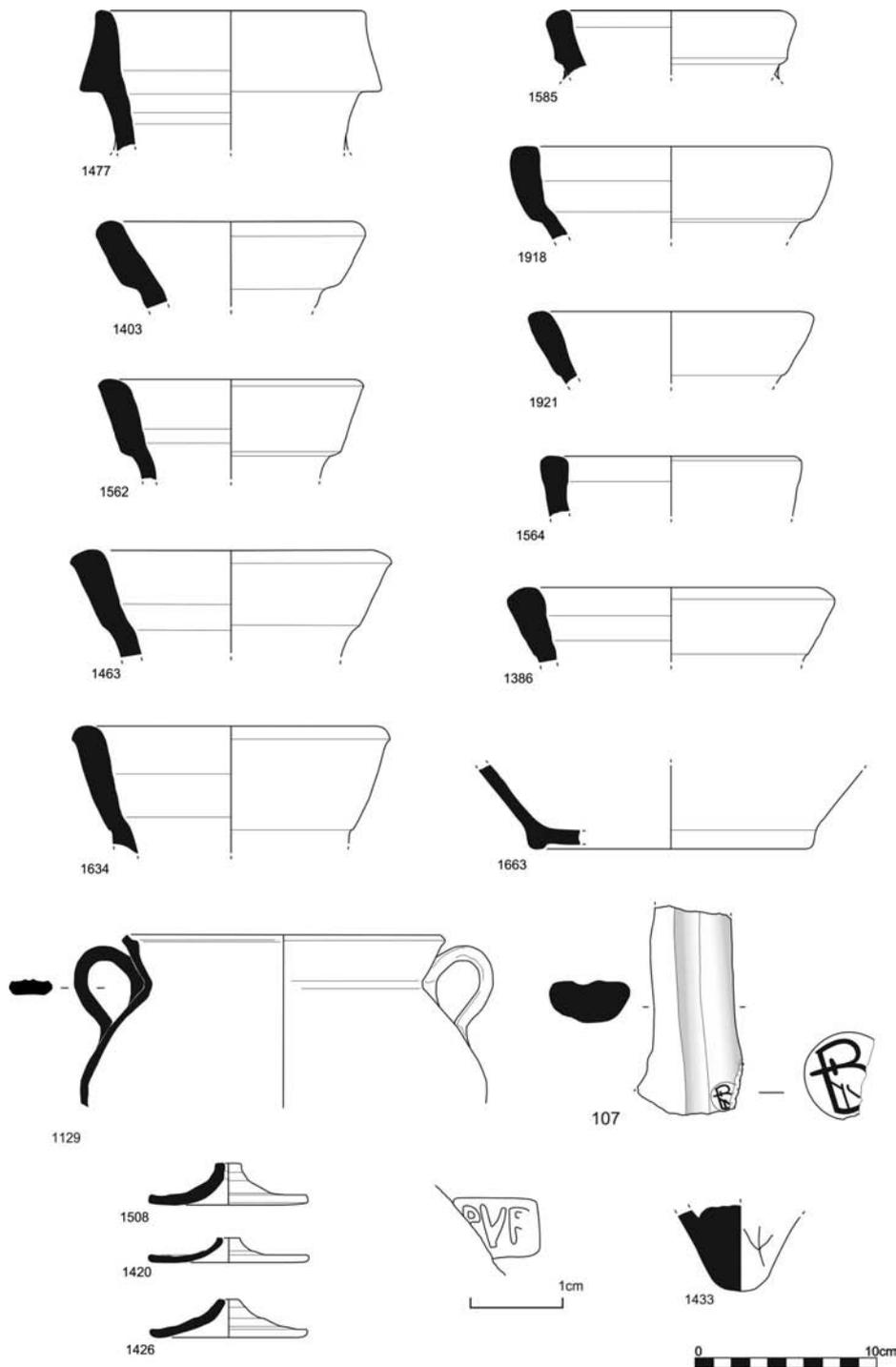


Fig. 12 Materiais da Camada 8.

- um fragmento de bordo de paredes finas (n.º inv. 174), ostenta uma decoração a molde no exterior e granitado arenoso no interior. Poderá tratar-se de uma produção de Montans, dada a tonalidade castanha-alaranjada do engobe e oferece alguns paralelos com peças de Conímbriga e de Beja, enquadrável pela cronologia proposta por F. Mayet (1975), no período entre Tibério e Nero;

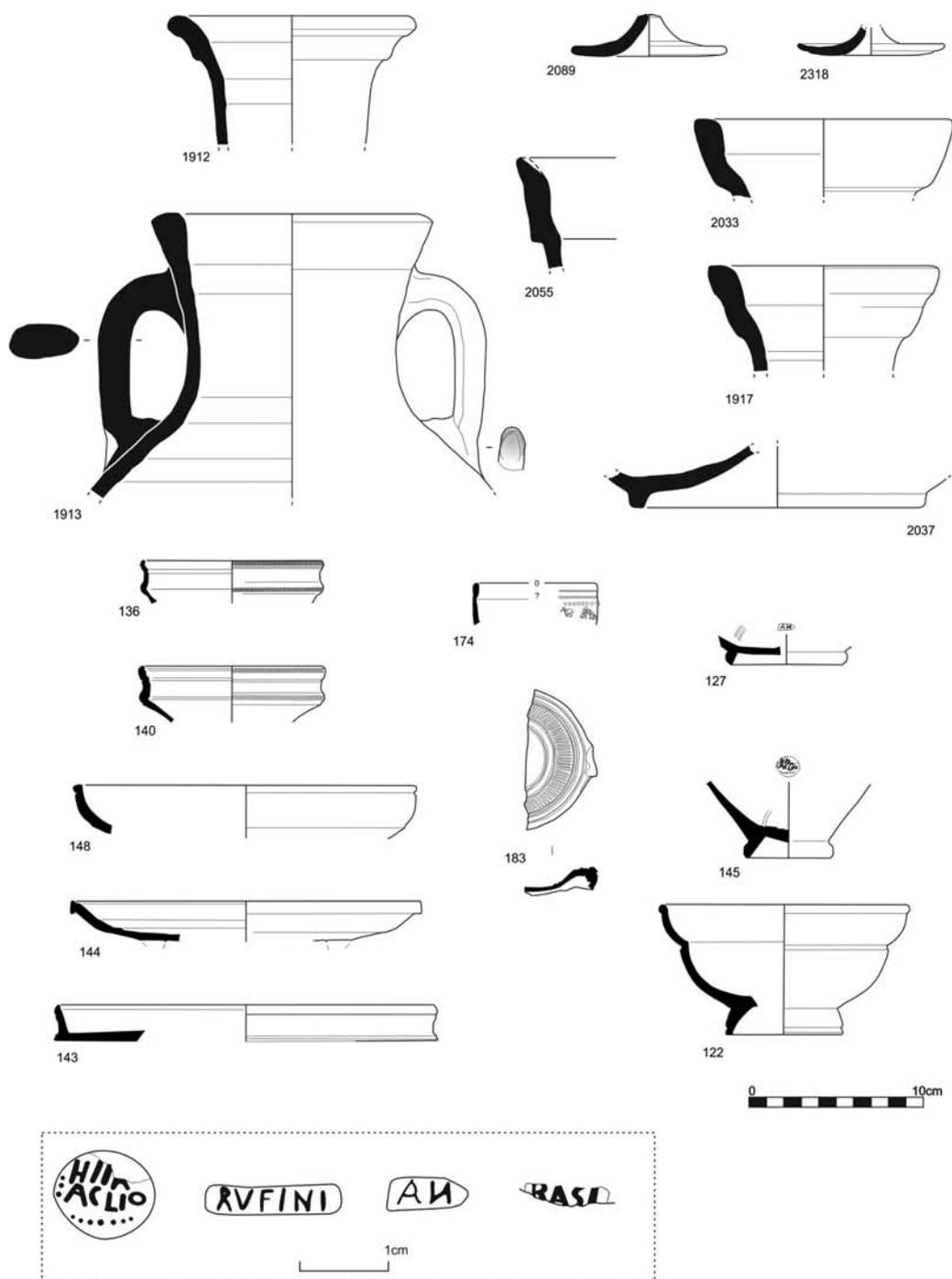


Fig. 13 Materiais da Camada 10.

- um fragmento de disco de lucerna (n.º inv. 183), decorado com motivos geométricos, enquadra-se na forma Deneauve IVC (ou Dressel/Lamboglia 9) com uma cronologia de meados do século I;
- não podemos deixar de mencionar as ânforas de produção lusitana (n.ºs inv. 1912, 1913 e 1917), enquadráveis nas produções mais precoces do Ocidente peninsular (segunda metade do século I a.C./primeira metade do século I d.C.).

Por último, no que se refere ainda a esta camada, apresentamos quatro marcas. Três delas surgem em taças de produção aretina e uma outra corresponde a uma produção da Gália do Sul. Quanto às três primeiras:

- temos a marca ANNIVS (n.º inv. 127) (oleiro n.º 116 do OCK, p. 113), que poderá ser interpretada como ANNIVS mas para a qual não encontramos paralelos de grafia”. A cronologia é balizada entre 15 a.C. e 15 d.C.;
- num outro exemplar surge o oleiro RASINIVS (n.º inv. 151) (cartela rectangular com RASIN) (oleiro n.º 1623 do CVA, p. 353), de cronologia que vai de 15 a.C. a 40 d.C.;
- numa taça enquadrável na forma Consp. 22 (n.º inv. 145), aparece a marca HIIR/ACLIO que interpretamos como o oleiro HERACLIO (oleiro n.º 922 do CVA), o que nos fornece uma cronologia por volta da mudança de Era;
- por fim, a marca da *sigillata* de produção galo-romana (n.º inv. 112) ostenta uma cartela rectangular onde se pode ler, em nexu, RVFINI, com uma datação que aponta para o reinado de Tibério.

No contexto temporal a que atribuímos fases contínuas ou regulares de remodelações do edifício original, integram-se algumas camadas, que se relacionam não tanto com os tanques de salga mas antes com o possível pátio interno em torno dos quais aqueles se organizavam.

Possíveis remodelações destas estruturas poderão ter ocorrido logo na segunda metade da mesma centúria, mas certamente que se processaram ao longo de todo o período de laboração, explicando-se pelo constante assoreamento do local, o que obrigou à elevação da área do pátio através da construção dos embasamentos de morfologia quadrangular, a que acima fizemos referência.

Assim, da camada 10-a (Fig. 14), localizada num nível ligeiramente superior do estrato anteriormente referido, além de fragmentos de ânforas de tipo Haltern 70, são provenientes os seguintes materiais:

- um prato em *terra sigillata* de produção itálica (n.º inv. 117) enquadrável na forma Consp. 20.3 (ou Goudineau 39C) com uma datação entre Cláudio e finais da centúria;
- a peça n.º inv. 114 levanta algumas dúvidas quanto à sua classificação já que poderá corresponder a uma *sigillata* de produção itálica — podendo neste caso corresponder à forma Consp. 36.4 (ou Pucci 31,5) com uma cronologia que varia entre 15 a 90 d.C. — ou, pelo

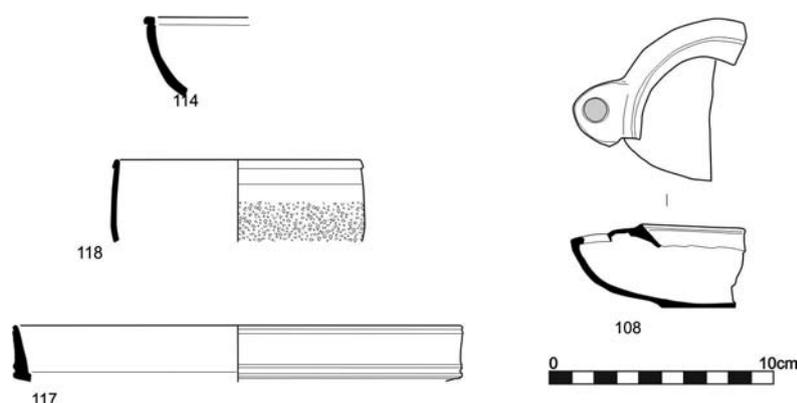


Fig. 14 Materiais da camada 10a.

contrário, trata-se de um exemplar de produção galo-romana da forma Ritt. 8, com uma cronologia que rondará o período entre 30 a 80;

- um fragmento de bordo de paredes finas (n.º inv. 118) com decoração a granitado arenoso no exterior, poderá corresponder à forma Mayet XXXVII ou XXXVIII, com uma cronologia entre Cláudio/Nero;
- um fragmento de lucerna (n.º inv. 108), da qual apenas resta o bico e parte do *infundibulum* é classificável como correspondendo à forma Deneauve VIIA (ou Dressel/Lamboglia 20), com uma cronologia situada entre a 2.ª metade do século I e a 1.ª metade do século II;

Camada 13 (Fig. 15):

- presença de Oberaden 83 (n.º inv. 2469), Dressel 7-11 (n.º inv. 2484) e Haltern 70 (n.º inv. 2458), genericamente enquadráveis entre meados do século I a.C. e meados do I d.C. (Filipe, 2008);
- disco de lucerna completo (n.º inv. 196), com aletas laterais, integrável na forma Deneauve VE, da primeira metade do século I d.C.

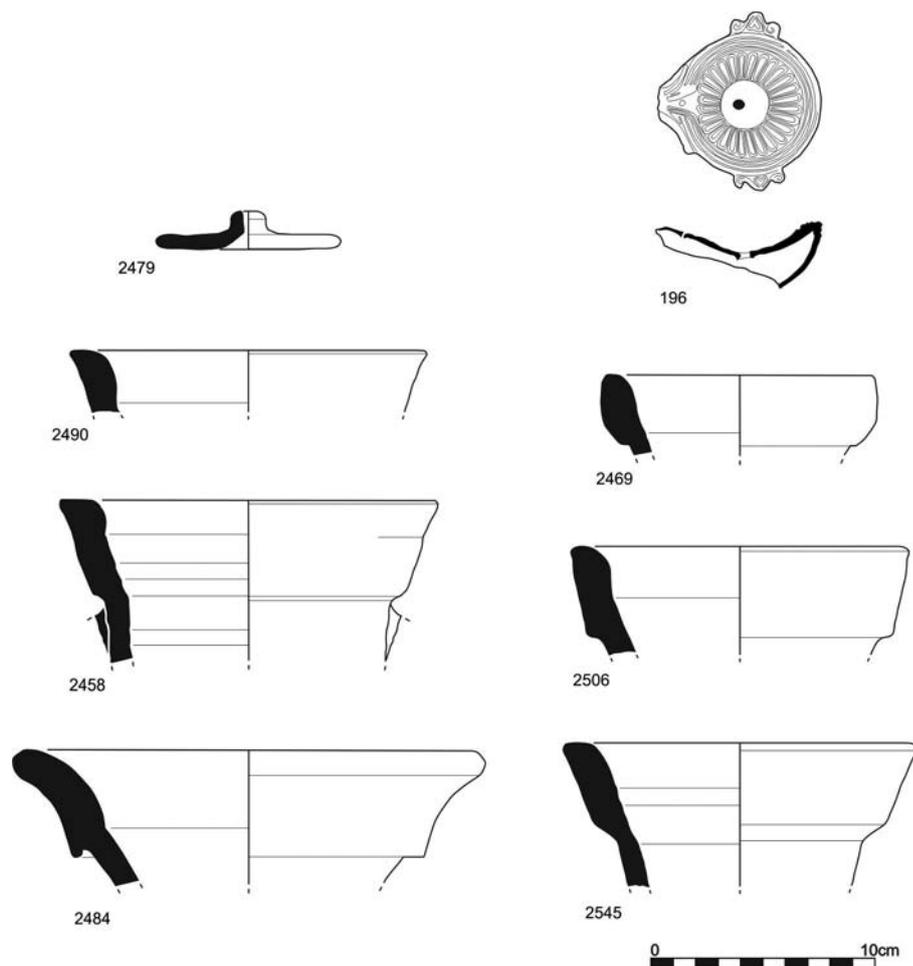


Fig. 15 Materiais da camada 13.

Camada 14 (Fig. 16):

- ânforas de tipo Haltern 70 provenientes do vale do Guadalquivir;
- recolheu-se ainda um considerável número de opérculos (n.ºs inv. 2560, 2568, 2605 e 2685);
- de salientar o aparecimento de um fragmento de paredes finas (n.º inv. 206), que poderá corresponder morfológicamente aos típicos vasos de *Acó*, ainda que a decoração que apresenta não seja típica destas peças, aproximando-se da decoração das paredes finas com espinhos de época republicana. A cronologia situa-se entre 30 a.C. e 20 d.C.

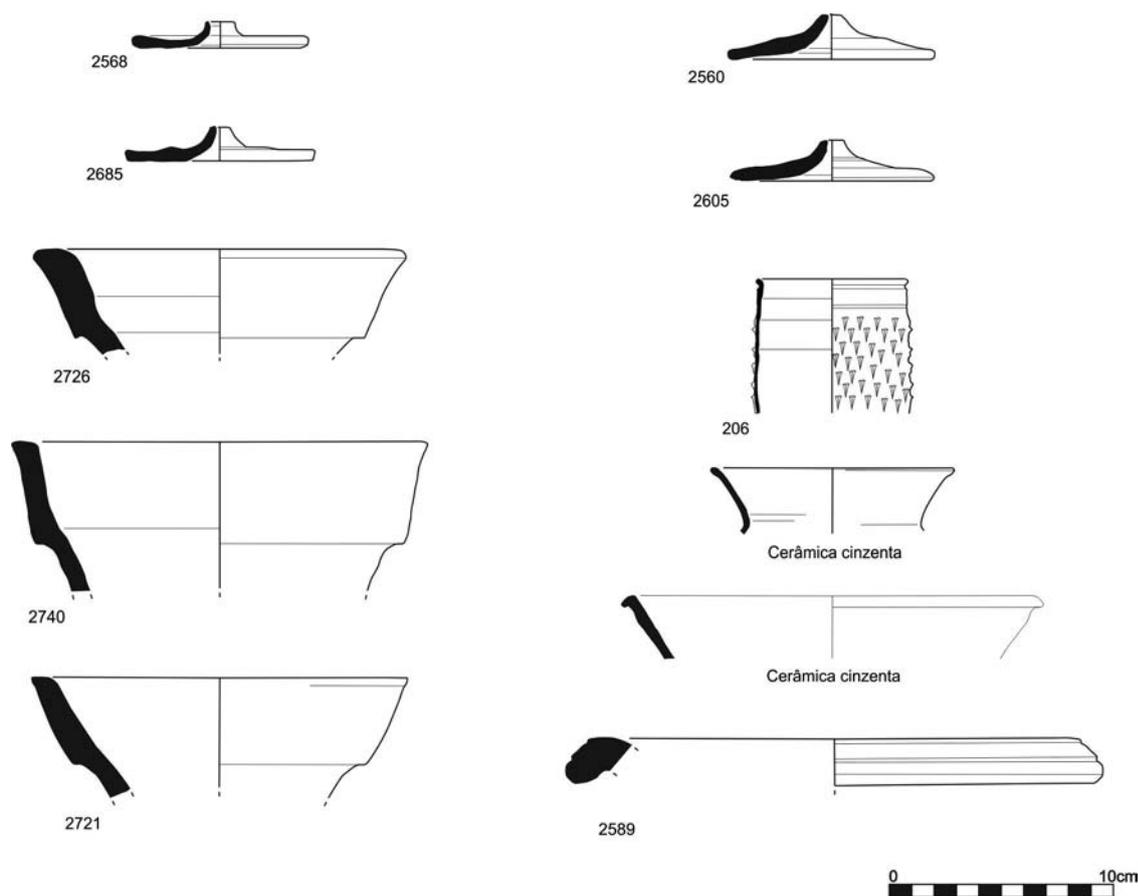


Fig. 16 Materiais da camada 14.

Camada 17 (Fig. 17):

- uma das taças exumadas neste estrato (n.º inv. 261) pode ser classificada como um exemplar de produção galo-romana, enquadrando-se na forma Drag. 27, com uma cronologia entre 10 e 120 d.C.;
- outra taça (n.º inv. 262) enquadra-se na mesma forma Drag. 27, com idêntica cronologia;
- a um fragmento de almofariz (n.º inv. 2895), com bordo em martelo, é de atribuir uma cronologia da 1.ª metade do século I d.C.

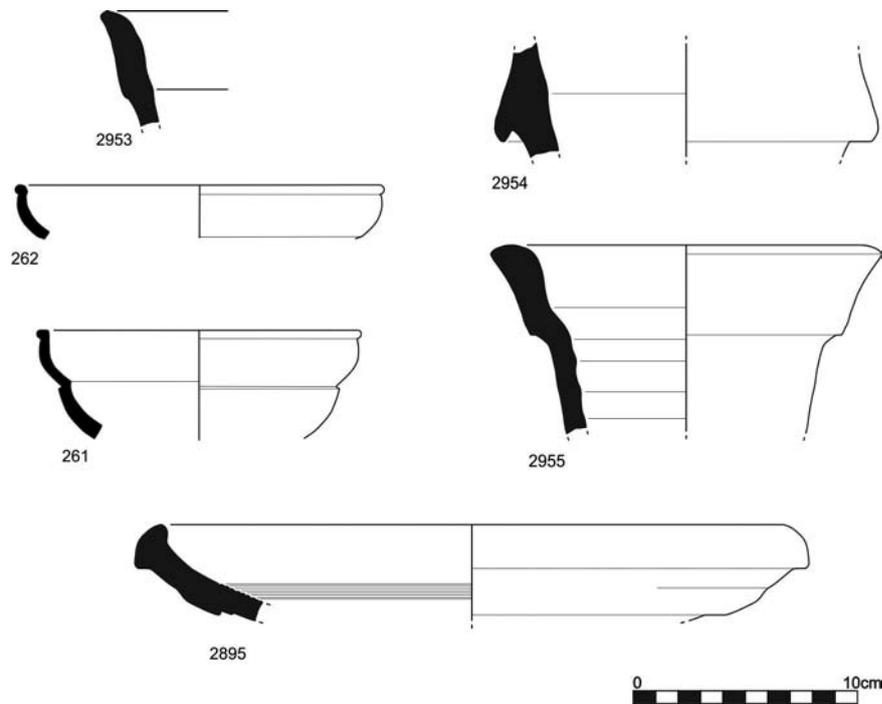


Fig. 17 Materiais da camada 17.

Por último, no que respeita aos níveis estratigráficos que enquadrámos na fase de abandono deste complexo, com cronologias mais bem calibradas pela uniformidade dos materiais exumados, destacamos alguns fragmentos de *sigillata* clara D, assumindo maior relevância a forma Hayes 61 A, que nos aponta cronologias do século IV (325–400) (Bonifay, 2004).

Outros materiais

Será incontornável a menção a uma peça de proveniência itálica, que classificamos, até um estudo mais aprofundado, como um cálice decorado Drag. 11 (Fig. 18), possivelmente da oficina de P. CORNELIVS ou de RASINIVS, informações que nos são fornecidas pela decoração que a mesma ostenta, como seja o pormenor dos dardos e ovas que se assemelham às decorações da primeira oficina mencionada, ainda que alguns pormenores (como a existência de uma linha de pequenas contas na moldura superior) coloquem algumas dúvidas. De salientar as cenas representadas no cálice, como seja o caso de um possível escravo núbio⁸. Datamos esta peça da 1.ª metade do século I d.C.

Ainda a propósito desta peça, convém referir que os diversos fragmentos exumados provêm de estratos distintos dentro da Vala 5 (Sector 1 – 2.ª fase), designadamente as camadas 8 e 14, com índices cronológicos das duas primeiras centúrias, da camada 7a da Época Tardo-Romana (século IV/V) e por último da camada 9, relacionável com a construção de um muro islâmico, o que, mais uma vez, comprova as constantes alterações a que este espaço foi sujeito ao longo dos tempos.

Por fim, não podemos deixar de mencionar o grande número de fragmentos de almofarizes recolhidos, essencialmente de produção bética. Para além do fragmento já apresentado a propósito da camada 17, nos restantes sectores e respectivas valas de sondagem, registou-se a ocorrência de mais exemplares, dos quais, apenas como ilustração, apresentamos mais três fragmentos (Fig. 19):

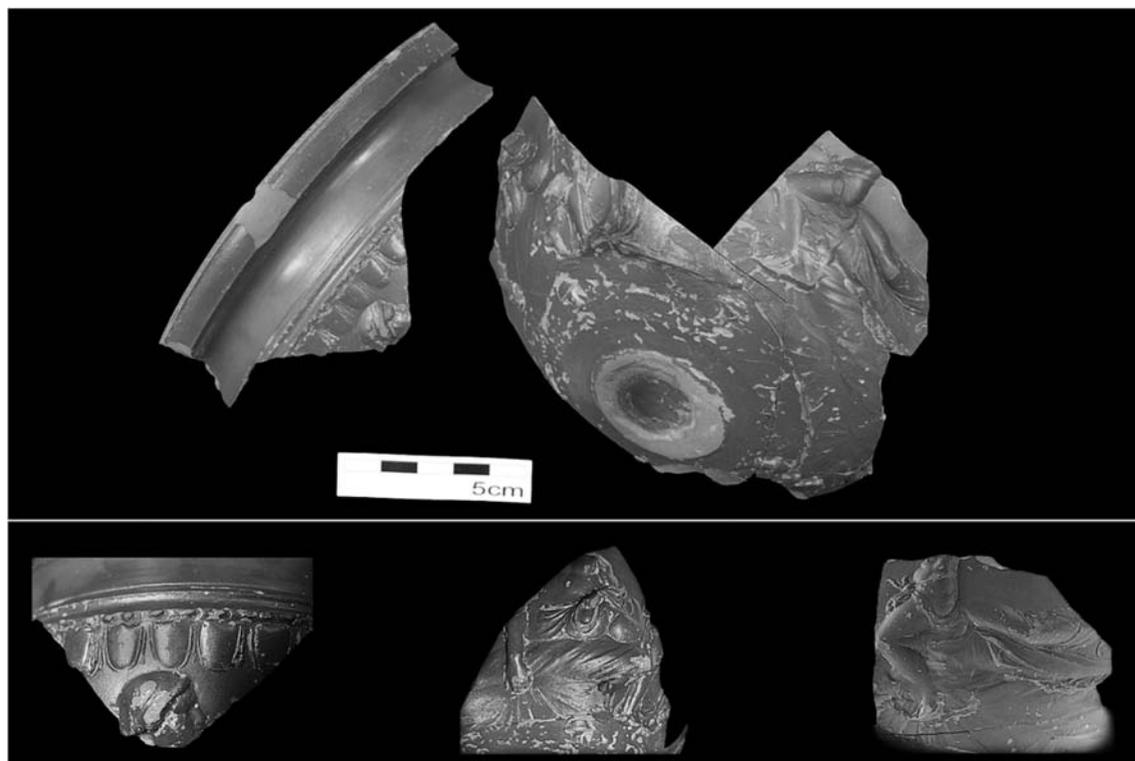


Fig. 18 Taça em *terra sigillata* itálica e alguns pormenores da respectiva decoração.

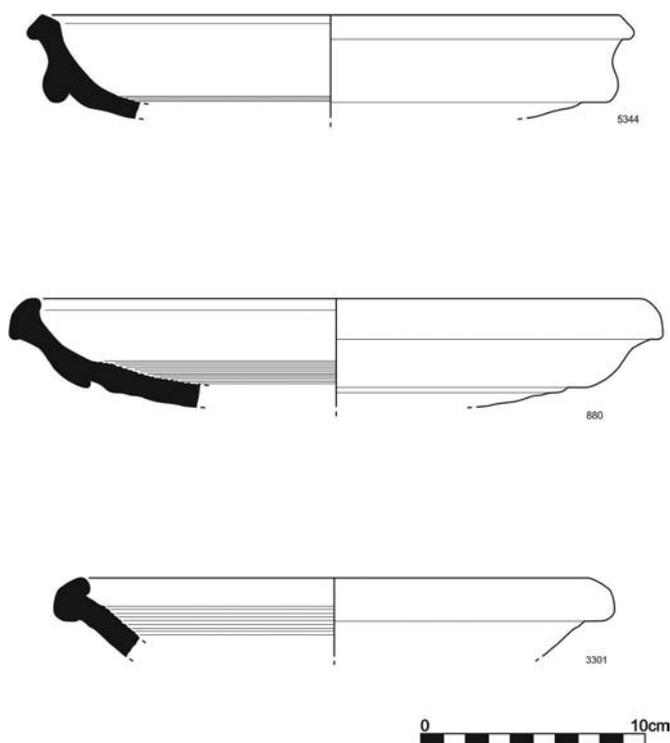


Fig. 19 Conjunto de almofarizes de produção bética.

- um fragmento que se inscreve na tipologia *Emporiae* 36.2 (correspondente à forma 1 de *Aguarod Otal*), de cronologia alto-imperial (n.º inv. 5344);
- um outro fragmento (n.º inv. 880) enquadra-se na tipologia definida por José Carlos Quaresma, designada por *bordo em martelo Fase 1*, atribuível à primeira metade do século I (Quaresma, 2006, pp. 149–166);
- por último, um fragmento que, seguindo a mesma tipologia atrás mencionada, se insere na tipologia de *bordo arredondado Fase 2*, com uma cronologia que se inicia em meados do século I e que se prolonga pelo século II (n.º inv. 3301).

Considerações finais

Deste modo, considerando toda a sequência estratigráfica analisada, pensamos que este núcleo de transformação de pescado terá sido edificado em meados do século I (Cláudio/Nero).

Mais bem calibrada parece ser a fase de abandono deste complexo. Alguns fragmentos de *sigillata* clara D, destacando-se a forma Hayes 61A, apontam para cronologias dos séculos IV/V (350–420). No entanto, a ausência de material anfórico da segunda fase de transformação piscícola da cidade de Lisboa, à semelhança do que sucede no Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (Bugalhão, 2001), ou em outros núcleos fabris (Sepúlveda & *alii*, 2003), leva a colocar a hipótese deste espaço ter sofrido uma alteração logo a partir de finais do século I/inícios do II^o. Esta possibilidade pode ser reforçada pelos diferentes tipos de *opus signinum* que foram detectados, obrigando a considerar múltiplas remodelações deste núcleo, facto que facilmente pode ser explicado pelo sucessivo assoreamento desta faixa ribeirinha, tal como tivemos oportunidade de referir.



Fig. 20 Implantação das várias unidades piscícolas de Lisboa, com a indicação das orientações da unidade agora identificada e do complexo fabril da Casa dos Bicos, observando-se uma ligeira rotação de eixo o que se poderá relacionar com a topografia do terreno.

1. Rua Augusta (Mandarin Chinês)
2. Rua Augusta
3. Rua dos Correeiros
4. Núcleo Arqueológico do BCP
5. Rua dos Douradores
6. Rua dos Douradores
7. Rua dos Fanqueiros (n.º 51/57)
8. Rua dos Fanqueiros (Casa Napoleão)
9. Rua dos Bacalhoeiros
10. Casa dos Bicos
11. Largo das Alcaçarias

Com efeito, podemos, de forma clara, identificar pelo menos três tipos distintos de *opus signinum* os quais se diferenciam entre si pela granulometria e componentes empregues: com grão fino e pequenas partículas de cerâmica conferindo uma cor rosada, utilizado nos tanques dos Sectores 2/3; um *opus* de cor branca, que emprega grande percentagem de cal e quase na totalidade constituído por lascas de calcário semelhantes a brita grosseira – tanques do Sector 1 –, e um terceiro tipo, apenas surgido em fragmentos dispersos, igualmente de tonalidade rosa, mas composto por um grão médio, acompanhado por fragmentos cerâmicos de pequeno e médio calibre.

O facto de igualmente nos aparecerem fragmentos cerâmicos que colam entre si, sendo provenientes de estratos distintos dentro da Vala 5 (Sector 1 – 2.^a fase), que se localizam, altimetricamente, a um nível inferior aos alicerces das cetárias colocadas a descoberto, comprova mais uma vez a sucessiva e constante remodelação deste espaço.

O núcleo de transformação piscícola que agora apresentamos insere-se no conjunto dos vários núcleos identificados até hoje na cidade de Lisboa, o que permite, pela sua dispersão e cronologia, assegurar uma intensa actividade industrial na cidade (Fig. 20). A implantação deste conjunto – correspondendo ao 2.^o núcleo de cetárias situado mais a nascente (se exceptuarmos o tanque detectado nas Alcaçarias¹⁰) – poderá indicar a proximidade com o eixo de alteração da malha citadina uma vez que o conjunto descoberto na Casa dos Bicos, situado a cerca de 150 m para leste, oferece um alinhamento distinto que, eventualmente, poderá ser explicado pela configuração da margem do rio Tejo, que, como se sabe, foi sofrendo alterações ao longo dos tempos.

NOTAS

- * Arqueóloga do Serviço de Arqueologia do Museu da Cidade, Câmara Municipal de Lisboa. Coordenadora do Museu do Teatro Romano de Lisboa. Mestre em História de Arte.
- ** Arqueólogo do S.A.M.C. da C.M.L.
- *** Arqueólogo, Mestre em Pré-História e Arqueologia
- **** Técnico de arqueologia
- ¹ O presente artigo resulta de uma comunicação intitulada “Núcleo de transformação piscícola de época romana na Rua dos Bacalhoeiros” (Lisboa, 2005/2006), apresentada pelos signatários no Simpósio “A Costa Portuguesa no panorama da rota Atlântica durante a Época Romana”, C. M. Peniche, 16 a 18 de Novembro de 2006.
- ² Intervenção arqueológica do Serviço de Arqueologia do Museu da Cidade – Câmara Municipal de Lisboa – dirigida por Marina Carvalhinhos, Vasco Leitão e Rodrigo B. Silva e realizada em 2003.
- ³ Intervenção arqueológica do Serviço de Arqueologia do Museu da Cidade – Câmara Municipal de Lisboa – dirigida por Manuela Leitão e Victor Filipe e levada a cabo em 2004.
- ⁴ Intervenção arqueológica do Serviço de Arqueologia do Museu da Cidade – Câmara Municipal de Lisboa – dirigida por Manuela Leitão e Cláudia Costa efectuada em 2001.
- ⁵ Intervenção arqueológica do Serviço de Arqueologia do Museu da Cidade – Câmara Municipal de Lisboa – dirigida por Lídia Fernandes e levada a efeito nas campanhas de 2001, 2005 e 2006 (Fernandes, 2006, pp. 181–204).
- ⁶ Agradecemos as observações e comentários que os Drs. Amílcar Guerra e João Pimenta teceram acerca da mesma.
- ⁷ *Corpus Vasorum Arretinorum* (Oxé, Comfort & Kenrick, 2000).
- ⁸ Um estudo mais detalhado sobre esta peça encontra-se a ser realizado por Lídia Fernandes e Eurico Sepúlveda.
- ⁹ Aproveitamos para agradecer vivamente a vários investigadores que nos auxiliaram na determinação e classificação de alguns dos materiais que apresentamos. Antes de mais a Eurico de Sepúlveda, no que respeita às marcas de *sigillata* e outras cerâmicas finas de época romana, e quanto aos almofarizes, a J. Carlos Quaresma.
- ¹⁰ Agradecemos a amabilidade desta informação a Manuela Leitão, arqueóloga do Serviço de Arqueologia do Museu da Cidade, que intervencionou o local em 2003 e 2005. Trata-se de um tanque com revestimento a *opus signinum* ainda que, muito possivelmente, não se deva interpretar como cetária.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- AGUAROD OTAL, Carmen (1991) - *Cerámica romana importada de cocina en la Tarraconense*. Zaragoza: Institución “Fernando el Católico”.
- AGUAROD OTAL, Carmen (1995) - La cerámica común de producción local, regional y importada. Estado de la cuestión en el valle del Ebro. In *Cerámica comuna romana d'època alto-imperial a la Península Ibérica: estat de la qüestió*. Empúries: Museu d'Arqueologia de Catalunya, pp. 129–153.
- AMARO, Clementino (1986) - Casa dos Bicos: a cidade e a arqueologia. In *I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana (Setúbal 1985)*. Lisboa: IPPC, pp. 143–154.

- AMARO, Clementino (1982) - Casa dos Bicos: notícia histórico-arqueológica. *Arqueologia*. Porto. 6, pp. 96-111.
- BONIFAY, Michel (2004) - *Etudes sur la céramique romaine tardive d'Afrique*. Oxford: Gordon House.
- BUGALHÃO, Jacinta (2001) - *A indústria romana de transformação e conserva de peixe em Olisipo: Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- DRESSEL, Heinrich - *Lucernae Formae, C.I.L. (Inscriptiones Urbis Romae Latinae. Instrumentum Domesticum)* XV, II, 1.
- DIOGO, António Dias; TRINDADE, Laura (2000) - Vestígios de uma unidade de transformação do pescado na Rua dos Fanqueiros, em Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3:1, pp. 181-205.
- FERNANDES, Lídia (1997) - *Capitéis romanos da Lusitania Ocidental*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. 4 vols. Dissertação de Mestrado em História de Arte.
- FERNANDES, Lídia (1998) - Capitéis romanos do Museu Nacional de Arqueologia. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 16, pp. 221-284.
- FERNANDES, Lídia (1999) - Elementos arquitectónicos de Época Romana da Casa dos Bicos, Lisboa. *Conimbriga*. Coimbra. 38, pp. 113-135.
- FERNANDES, Lídia (2002) - Sobre dois capitéis de Lisboa. *Conimbriga*. Coimbra. 41, pp. 237-256.
- FERNANDES, Lídia (2006) - O teatro de Lisboa: intervenção arqueológica de 2001. In *Actas del Congreso Internacional sobre Teatros Romanos en Hispania, Córdoba 2002*. Córdoba: Seminario de Arqueología, pp. 181-204.
- FERNANDES, Lídia; VALE, Ana (1994) - Intervenção arqueológica no Largo de St.º António da Sé. *Al-madan*. Almada. 2.ª série. 3, p. 109.
- FILIFE, Victor (2008) - Importação e exportação de produtos alimentares em *Olisipo*: as ânforas romanas da Rua dos Bacalhoeiros. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 11:2, pp. 301-324.
- GASPAR, Alexandra; GOMES, Ana (2007) - As muralhas de *Olisipo*: o troço junto ao Tejo. In RODRÍGUEZ COLMENERO, Antonio; RODÁ DE LLANZA, Isabel, eds. - *Murallas de ciudades romanas en el occidente del Imperio. Lucus Augusti como paradigma: actas del Congreso Internacional celebrado en Lugo (26-29, XI, 2005) en el V aniversario de la declaración, por la UNESCO, de la muralla de Lugo como Patrimonio de la Humanidad*. Lugo: Museu Provincial, pp. 685-698.
- GOMES, Ana; GASPAR, Alexandra; PIMENTA, João; VALONGO, António; MENDES, Henrique; GUERRA, Sandra; PINTO, Paula e RIBEIRO, Susana, (2004) - Primeiros resultados da intervenção arqueológica nos armazéns Sommer (Lisboa). Comunicação apresentada ao IV Congresso de Arqueologia Peninsular (Faro, Setembro de 2004)
- Livro do Lançamento e Serviço que a Cidade de Lisboa fez a El Rei Nosso Senhor no ano de 1565*, vol. 1, Col. Comemorações Comemorativas do VIII Centenário da Tomada de Lisboa aos Mouros. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1947.
- Livro primeiro de tomo das propriedades foreiras à Camara desta muy insigne Cidade de Lisboa*, Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa. Col. «Publicações Comemorativas do VIII Centenário da Tomada de Lisboa aos Mouros», 1950.
- MAYET, Françoise (1975) - *Les céramiques à parois fines dans la Péninsule Ibérique*. Paris: De Boccard.
- MAYET, Françoise; SILVA, Carlos Tavares da (1998) - *L'atelier d'amphores de Pinheiro (Portugal)*. Paris: De Boccard.
- MAYET, Françoise; SILVA, Carlos Tavares da (2002) - *L'atelier d'amphores d'Abul (Portugal)*. Paris: De Boccard.
- OXÉ, Auguste; COMFORT, Howard; KENRICK, Philip (2000) - *Corpus Vasorum Arretinorum: a catalogue of the signatures, shapes and chronology of Italian sigillata*. Second Edition. Bonn: Habelt.
- PEACOCK, David P. S.; WILLIAMS, David F. (1986) - *Amphorae and the Roman economy: an introductory guide*. London: Longman Publications.
- QUARESMA, José Carlos (2006) - Almofarizes béticos e lusitanos: revisão crono-morfológica de alguns tipos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9:1, pp. 149-166.
- SILVA, A. Vieira da (1939) - *A Cerca Moura de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal.
- SILVA, A. Vieira da (1987) - *A Cerca Moura de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal.
- SILVA, Carlos Tavares da (1996) - Produção de ânforas na área urbana de Setúbal: a oficina romana do Largo da Misericórdia. In FILIFE, Graça; RAPOSO, Jorge Manuel Cordeiro, eds. - *Ocupação romana dos estuários do Tejo e do Sado. Actas das Primeiras Jornadas sobre Romanização dos Estuários do Tejo e do Sado*. Seixal; Câmara Municipal; Lisboa: Dom Quixote, pp. 43-54.
- SEPÚLVEDA, Eurico de; FERNANDES, Lídia (2009) - As marcas em terra *sigillata* de tipo itálico do teatro romano de Lisboa (campanhas 2005/2006). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 12:1, pp. 139-168.
- SEPÚLVEDA, Eurico de; GOMES, Nuno; SILVA, Rodrigo Banha da (2003) - Intervenção arqueológica urbana na Rua dos Douradores / Rua de S. Nicolau (Lisboa), 1: a terra *sigillata*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:2, pp. 401-414.
- Tombo da Cidade de Lisboa de 1755*, Cópia do exemplar que está na Torre do Tombo, feita sobre uma cópia do mesmo Tombo, da letra de José Valentim de Freitas, que está na Associação dos Arqueólogos, por João Marques da Silva em Junho de 1894.

